

O CARMELITA HOJE¹

A FRATERNIDADE COMO CAMINHO PARA DEUS

CONGREGAÇÃO GERAL DA ORDEM DO CARMO

1974 — FRASCATI, ITÁLIA

Caríssimo Confrade,

Na Congregação Geral - celebrada em Frascati de 23 a 28 de setembro - o tema central das nossas considerações foi à identidade do Carmelita de hoje. Não é a primeira vez, na história da Ordem, que estudamos - sob diversos aspectos - este mesmo assunto. Não tentamos delimitar a espiritualidade do Carmelo com relação a outras espiritualidades. Mas partindo tanto da nossa tradição como da realidade hodierna, procuramos, com notável empenho de todos os participantes, uma inspiração comum na pluriformidade de vida e de trabalho. De vez em quando, se podia vislumbrar esta comum inspiração. Sob este ponto de vista, a nossa reunião nos ofereceu um estímulo e um motivo de esperança, não obstante os graves problemas que nos desafiam na hora presente.

Nesta reunião - que podemos dizer mundial e que de per si constituiu um acontecimento importante para a unidade da "fraternidade carmelitana" - não tencionávamos escrever grandes documentos. Neste simples texto que agora lhe apresento, encontra-se o núcleo dos assuntos tratados.

Assim esperamos poder transmitir ao confrade e à sua comunidade algo do que, em comum, descobrimos ser necessário para a realização da nossa vocação de Carmelitas nos tempos atuais. Descobrimos sempre de novo a nossa identidade carmelitana, constatamos que não se trata em primeiro lugar de palavras (sem pôr em dúvida a necessidade da expressão verbal), mas sim ocupar-nos efetivamente e todos os dias na "lei do Senhor" e na salvação de Deus em Cristo Jesus para o mundo de hoje.

Com saudações cordiais e recordando-o na oração.

Roma, 1º de Outubro de 1974.

P. Falco J. Thuis, O. Carm.
Prior Geral

¹ Documentos recentes da Ordem do Carmo: Um caminho de renovação pós-Conciliar. 1ª Edição, 1991. Co-edição Livraria Nossa Senhora do Carmo e Instituto de Espiritualidade Tito Brandsma.

A MENSAGEM

Ao aprofundarmos a realidade da nossa vida religiosa, ficamos conscientes de que a fraternidade, dom divino, é o elemento que nos une inserindo-nos na Igreja e no mundo de hoje. Por conseguinte, devemos viver em primeiro lugar como religiosos Carmelitas e depois como sacerdotes.

Embora recordando com gratidão os nossos educadores, reconhecemos que na maioria dos casos fomos educados e formados para sermos sacerdotes mais do que religiosos. Isto é, fomos educados pouco à vida de fraternidade, que por si é tão difícil, comportando o desenvolvimento das relações interpessoais cultivadas e vividas de modo intenso e com maturidade, como procura e comunhão de fé em Cristo. Com efeito, até agora constituímos mais uma Ordem de **padres** do que de **frades**, isto é, de irmãos.

Desta constatação, deriva a convicção de que só a "escola da fraternidade" pode tornar a dar-nos a qualidade de "**frades** da Bem-aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo". A revitalização deste elemento afigura-se, portanto, como o ponto de partida para redescobrirmos a nossa identidade carmelitana. A Regra propõe-nos esta reflexão comum como guia espiritual para o nosso caminho pessoal e comunitário para Deus.

Naturalmente não teria sentido referirmo-nos à nossa tradição em sentido literal; é preciso tornar a descobrir e recuperar o seu núcleo central e intencional (fraternidade e oração), para sermos capazes de elaborá-lo novamente na situação concreta. Para isso é preciso referirmo-nos ao clima espiritual hodierno que espera do Carmelo e do seu carisma uma válida contribuição.

Se a Regra nos chama a todos igualmente **fratres**², sem nenhuma distinção, não devem existir entre nós diferenças de estado, mas apenas se podem conceber variedades de funções e tarefas. Na compreensão e respeito recíproco destas diferentes funções, a nossa fraternidade alcançará o pleno desenvolvimento tanto em nível humano como de fé em Cristo. Para alcançarmos essa maturidade humana e espiritual, e para que a fraternidade seja motivo de verdadeira libertação pessoal e comunitária, é preciso entrar na "escola da solidão", isto é, adquirir a atitude

² Regula O. N., cc. III, V, IX, XI, XVII, XVIII.

constante de renunciarmos a reduzir os outros à nossa própria medida e necessidades, permitindo, pelo contrário, que cada um seja ele próprio na sua individualidade e abertura para com os outros; é preciso entrar na "escola do silêncio", isto é, do diálogo em sentido profundo, onde cada um sabe escutar o seu próximo como tal. Para suscitar o verdadeiro encontro interpessoal e o profundo empenho recíproco, é preciso atravessar todo um processo de amadurecimento pessoal e comunitário, usando os meios adequados como, por exemplo, a dinâmica de grupos e outros semelhantes, os quais devem, porém ser empregados sob a direção de peritos.

Meio eficaz e específico será a oração tanto individual como comunitária, tomando como exemplo Nossa Senhora, fielmente atenta à *Palavra*³ e ao mesmo tempo animadora da vida apostólica na primeira comunidade cristã⁴. Uma forma adequada às exigências do nosso tempo é a oração de grupo (revisão de vida, meditação dialogada, etc), em que a fé fraterna é posta em prática, incrementando a nossa união com Cristo.

A experiência ensina que a crise da oração tem geralmente a sua origem na crise da vida fraterna. Somente achando o tempo para a prática do diálogo em nível humano e espiritual, se pode chegar ao verdadeiro encontro fraterno e ao enriquecimento religioso mútuo. A este respeito não devemos dispersar-nos no ativismo, mas antes devemos ter a coragem de renunciar a algumas atividades exteriores para vivermos a nossa identidade religiosa. Esse teor de vida será a mais bela expressão do nosso "vivere in obséquio Iesu Christí".

A força libertadora da nossa vida, experimentada no nível de comunidade local, deve-se aos outros confrades na Província, nas Regiões e em toda a Ordem; pois para podermos ser instrumento de libertação e salvação para os homens, devemos eliminar entre nós o egoísmo que separa e penetrar mais profundamente no mistério da Igreja, cidade fraterna, revelando assim ao mundo o seu recôndito significado e a vocação da humanidade para a unidade e o amor⁵.

Este modo de viver o **obsequium Iesu Christí** na fraternidade será o nosso testemunho perante o mundo que, por sua vez, constitui para nós um apelo com as suas exigências atuais. O nosso carisma de fraternidade nos inserirá assim na

³ Cf. Lumen Gentium (LG), 65; Constitutiones O. N., n. 77.

⁴ Cf. At 1, 14; LG, 68; Const. O. N., n. 85.

⁵ Cf. LG, 1; Gaudium et Spes (GS), 24.

sociedade de hoje, em que permanecem tantas formas de escravidão (social, cultural, política, religiosa, etc.), de opressão, de isolamento⁶. Poderemos assim dar uma contribuição válida para delas libertar os homens, pondo à disposição os nossos talentos de mente e coração.

Nenhuma forma de fraternização libertadora deve ser excluída da nossa irradiação apostólica, que será orientada, sobretudo para os pobres, os oprimidos, os marginalizados⁷. Embora conscientes de que a nossa fraternidade carmelitana não poderá resolver todos os males do mundo, trabalharemos, todavia neste campo, certos de que esta é a nossa vocação⁸. O contato com os que sofrem ajudar-nos-á a descobrir a nossa identidade.

Não consideraremos como último dos nossos deveres o de nos sensibilizar perante as exigências espirituais e religiosas de hoje. Sente-se por toda a parte, mas, sobretudo entre os jovens, o anseio de uma vida integralmente humana e religiosa. Faltam, porém, muitas vezes os guias espirituais, os "líderes". Os que conhecem a nossa tradição, que se esforça sempre por atualizar a missão do profeta Elias, constantemente aberto à voz de Deus e sensível às exigências mais profundas do povo⁹, dirigem-se a nós. Será nosso empenho prestar o fraterno auxílio de uma adequada direção espiritual mediante uma preparação de nível científico e técnico que nos ponha em condições de conhecer e socorrer as necessidades de hoje. Cada Província deve sentir a exigência urgente de preparar alguns religiosos tanto para a animação e a revitalização da vida comunitária como para servir o povo de Deus.

A este respeito, impõe-se também a necessidade de uma atualização pastoral e de uma formação permanente de todos os religiosos. Hoje em dia há com abundância subsídios especializados como revistas e publicações em geral e nem sequer faltam, nos diversos países, institutos que organizam cursos sistemáticos aos quais podem ter acesso também os nossos religiosos sem serem obrigados a interromper o trabalho apostólico e os compromissos para com a sua comunidade. Dirigindo-nos por um lado aos superiores para que promovam a participação nestes

⁶ Cf. GS, 4.

⁷ Const. O. N., nn. 85, 96.

⁸ Ibid., n. 97.

⁹ Cf. 1 Rs. cc. 17-19, 21

cursos, exortamos também os religiosos a não se esquivarem a empreender novos estudos após anos de interrupção.

A realização dessa vida de fraternidade e oração exprimirá de forma mais autêntica a nossa identidade carmelitana na vida da Igreja e de mundo de hoje. "Eu faço novo o mundo" ¹⁰. Com estas palavras, Deus se manifesta suscitando em nós a esperança e convidando-nos a procurá-lo. Nós, como Carmelitas, sentimo-nos chamados de modo particular a segui-lo "meditando dia e noite a sua lei e velando em oração". No encontro com Deus, achamos a verdadeira força libertadora capaz de vencer tudo o que deturpa no homem a imagem de Deus. Assim, fiéis à nossa vocação e tradição, prestamos um benefício aos homens, oferecendo-lhes, com a nossa vida, um convincente sinal de libertação.

¹⁰ Cf. Apoc. 21, 5.